



A CAIXA

2007

Como a casa dos Larsen estava abandonada desde o ano anterior, as folhas secas cobrindo o caminho até a porta, o que Tomás fez foi tirar uma tábua e passar pela janela quebrada, vendo então com raiva ao chegar lá dentro que outros já haviam estado ali, que haviam trazido garrafas e cigarros cujos restos amarelados lembravam confetes num final de festa, que haviam assinado seus nomes nas paredes e desenhado corações, o spray amador levemente escorrido em vermelho. O cheiro de lugar fechado, de coisa molhada e esquecida, bem marcava a tragédia dos Larsen. Tomás colocou a tábua no lugar e acendeu a lanterna. Fez o feixe de luz dançar pelas paredes até que cruzasse com a presença melancólica de uma poltrona rasgada, bem no meio da sala vazia. Não lembrava dela, mas por que os Larsen teriam deixado uma poltrona para trás?, com aquela postura aristocrática

e perturbadora de qualquer coisa imitando o século dezanove. Subiu as escadas e, à medida que subia, sentia menos a presença dos invasores e mais a sua própria e também a dos Larsen. Subiu até o sótão e as tábuas rangiam e a janela estava difícil de abrir, mas cedeu num estalar de vencida. A melhor maneira de ver todo o bairro era mesmo a partir do topo do dois-cinco-um, como agora Tomás lembrava de ter feito com Alice tantas vezes e tantos anos antes, e olhando assim reencontrou primeiro as sombras dos jacarandás esticadas na calçada e logo mais a fila de casas adormecidas com seus sacos pretos de lixo à espera. Tomás sentou como sentava nas outras vezes, na beirada da janela e com a boa sensação de ter as pernas no ar. Tudo ainda se parecia. Nos pátios, lá estavam as piscinas, agora sem razão porque as crianças já haviam crescido. Os carros diminuíram de tamanho com os anos, mas os telhados ainda eram pontudos e com chaminés, mesmo que nunca fizesse tanto frio. Como em desenhos infantis.

Tomás esperava Alice voltar nessa noite que era um pouco todas as noites da sua infância. Em volta, o escuro e o sono do bairro criavam uma falsa harmonia, todo detalhe escondido, todo defeito na sombra. E como o dois-cinco-um estava no topo de uma ladeira, a vista então diagonal das ruas bem traçadas com as casas todas iguais, Tomás diria que as árvores poderiam ser de esponja, as paredes cortadas com estilete, tudo maquete, onde os

lugares têm aquela perfeição que não alcançam nunca quando se tornam reais.

Logo em frente, na praça, o canto cansado de um pássaro teve como resposta o ranger dum bêbado num balanço, e Tomás olhou para além das copas escuras das árvores. A casa de Alice se acendera. Só a praça separava as duas casas. A casa de Alice no fim da descida como se de repente mais um pedaço da memória de Tomás houvesse clareado. Suas paredes muito brancas, um cubo perfeito, agora espalhavam a luz, criando um halo que a separava de todo o resto. Aquela casa sempre fora a mais estranha e a mais polêmica de todo o bairro, e Tomás sorriu lembrando do espanto interminável dos vizinhos. Era como uma nave que houvesse decidido aterrissar no meio da cidade, ou um set montado para que se criasse de novo um filme antigo sobre o futuro.

E bem no meio desse cubo de influências modernistas, idéia de um arquiteto louco e ambicioso, havia um jardim, furando com precisão o concreto, e daí os muitos verdes das plantas do pai de Alice dispostos pelas beiradas. Sem telhas ou nada que lembrasse o formato tranquilizador de um sonho padrão, com muito vidro de cima a baixo e também esquadrias de alumínio, embora o excesso de transparência fosse compensado por um muro de tijolos levemente vazados, Tomás começou a pensar o quanto de Alice era produto daquela inadequação. E então um táxi apareceu distante e varrendo a rua

com os seus faróis, e diante dele o estômago de Tomás respondeu como o de um adolescente. Pensou em descer e fazer uma surpresa antes que ela entrasse em casa, mas não se mexeu, pela graça de ser só e por enquanto espectador.

À espera de Alice, a casa iluminada celebrava a sua resistência.